

Mirza, M. L. (2013). Escrever a psicanálise?. *Calibán*, 11(1), 129-135.

Puchko, K. (26 de setembro de 2017). *Nine facts that tell the true story of Johnny Appleseed*. recuperado de <http://mentalfloss.com/article/62113/9-facts-tell-true-story-johnny-appleseed>.

Roth, P. (2013). *Pastoral americana*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1997).

Seixas, R. S. e Souza, P.C. (1976) – Meu Amigo Pedro Em *Há 10 mil anos atrás* [disco], Rio de Janeiro, Philips Records.

Sapichin, G. (1999). “My heart belongs to daddy”: Some reflections on the difference between generations as the organiser of the triangular structure of the mind. *The International Journal of Psychoanalysis*, 80(4), 755-767.

Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).

Miguel Calmon du Pin e Almeida\*

## *Amabam amare* e a erotomania

### 1.

*Amabam Amare* – *amavam amar* – é uma expressão latina que significa amar a ideia de estar amando o amor. Santo Agostinho descreveu-a entre 397 e 398 d. C. como pura idealidade, em nada carnal. Ideal do amor puro, sem pecado.

E assim, diante de um tal desejo de pureza, vemo-nos frente a uma heresia: será verdadeiro que, a despeito das aparências e da experiência comum, amar só seja possível quando tem por precondição ter sido amado ou, pelo menos, acreditar ter sido amado?

Que a função sedutora do amor, assim como a função amorosa da sedução, estejam de algum modo presentes no jogo e na ilusão me parece incontestável, em que pese não serem companhias que gozem de boa reputação, em virtude de estarem a serviço da arte de enganar. Ao mesmo tempo, a função de atração é essencial na medida em que coloca em jogo, fantasmática e afetivamente, o dinamismo pulsional.

A intenção que move esta reflexão é a de cotejar a travessia pelo deslumbramento do *amabam amare* como uma idealidade a ser ultrapassada na realização do amor e a fixação do ideal na erotomania. Isto é, debater acerca de quando esta idealidade não é travessia, mas algo que, por se manter atravessado, impede a experiência do amor.

Na erotomania, na medida em que a experiência das perdas resultantes do complexo de Édipo (e em razão da fragilidade recém-adquirida de sua estrutura) obriga a organização genital à regressão

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.



When I am pregnant, 1992  
©Anish Kapoor. All rights reserved DACS/SAVA 2020

à anterior fase sádico-anal, o sujeito não pode – como a maior parte de nós pode fazer – operar as renúncias inerentes ao amadurecimento afetivo e psicosexual. Ele não perde apenas uma parte de si. Ao perder uma parte de si, ele julga – ou até mesmo prefere – ter perdido tudo.

Tal como Ulisses na *Odisseia* (Homero, trad. 1980), temos que inexoravelmente escolher entre Cila e Caríbdis: dois monstros disfarçados sob a forma de rochedos, marcando a passagem de um estreito por onde as embarcações devem necessariamente atravessar. De um lado, montanhas escarpadas escondem Cila, na verdade um monstro de seis cabeças; do outro, “à distância de uma flecha”, Caríbdis que se disfarça sob a forma de uma laje, mas que duas vezes por dia suga tudo que está a sua volta para em seguida devolver violentamente tudo o que sugou. A Cila, apesar de sua aparência horripilante, compete a perda de seis marinheiros, significando que a nau resiste e prossegue a viagem; a Caríbdis, apesar de sua aparência menos

monstruosa, nada resiste, nem sequer a embarcação. Advertido por Circe, a feiticeira, Ulisses se aproxima de Cila, perde seis marinheiros e prossegue sua aventura.

Perder uma parte, garantir a integridade da embarcação e prosseguir a viagem, ou perder tudo na esperança de nada perder.

Isso significa que, sem o perceber, o erotômano recalca a realidade e não os seus desejos, e assim somente de forma imaginária alcança a satisfação carnal de seus amores. De um lado, as distorções mórbidas do psiquismo exaltam loucamente a imaginação amorosa paralisando inteiramente a troca relacional e a realização carnal de um prazer compartilhado. De um outro, os desvios desesperados agenciados pelo desejo de manutenção de seus “privilégios” levam o erotômano a se apresentar como alguém que diz “eu sou exatamente aquilo que você fez de mim. Em mim, você aprecia e se deleita com a obra-prima que você fez de mim. Ser sua obra-prima é o que me satisfaz e onde eu me deleito. Eu nada faço, apenas sou”.

## 2.

Um dia, diante da surpresa de ter saído bem numa prova, meu filho se queixava de ter estudado tanto para uma prova que afinal de contas estava fácil. Fora um desperdício de tempo. Poderia ter relaxado ao invés de ter estudado tanto. Diante do repetido da cena, naquele dia, como quem não quer nada, eu lhe disse “meu filho, você já percebeu que todas as vezes que você estudou para uma prova, ela esteve fácil?” No primeiro momento ele não entendeu a ironia e concordou comigo. Depois entendeu, olhou-me e os dois morremos de rir.

O bacana não é estudar e tirar uma boa nota; o bacana é tirar uma boa nota sem ter estudado. Isso é o que define “minha” inteligência privilegiada. “Estudando – dirão alguns – qualquer um pode conseguir. Aí não tem graça”.

Essa é uma maneira relaxada de introduzir e assim nos aproximarmos do tema da erotomania.

Toda análise, em algum momento, desemboca na cena imaginária e excitante em que uma criança, em sua fragilidade e desprovida de condições de encontrar seu desejo, descobre-se submetida ao abuso de uma outra pessoa mais velha do que ela e, por conseguinte, poderosa. O texto *Batem numa criança* (Freud, 1919/2010a) encena a prazerosa passividade da criança face a esse “outro” ao qual ela é forçada a submeter toda sua vontade. Esta ação psíquica que envolve atividade e passividade dará condição e forma à sua vida sexual adulta.

Em consonância com o desenvolvimento das teorias freudianas, eu considero que deveríamos destacar essa ação psíquica – a submissão e a passividade diante do Pai – como a posição erotômica fundamental, uma vez que está na base do desenvolvimento de toda a relação humana e exige intenso trabalho para não nos deixar siderando em torno dos delírios que promove: “Meu pai ama somente a mim, por isso bate em outra criança”.

Eu considero que é um resto desta posição fundamental que se atualiza na ideia de que inteligente é quem tira nota alta sem estudar. “Sou amado sem ter feito nada, sem precisar fazer nada. Apenas porque ele me ama só a mim”. Qualquer trabalho ou esforço realizado degrada o sujeito de sua posição erotômica por retirá-lo da condição “ele me deseja assim e eu nada posso fazer contra a força deste impulso”.

Jean Imbeault, em seu texto *Le père n'aime que moi* (2004), acompanha as formulações de Freud em *Batem numa criança* (1919/2010a) e acrescenta que o fantasma deva ser entendido como “o pai ama somente a mim” e não como “meu pai ama somente a mim”, uma vez que apenas “o Pai” da horda primitiva, de *Totem e tabu* (Freud, 1913 [1912]/2012), teria condições para resistir onipotentemente à realidade das experiências e ungir seus prediletos com os privilégios de seu amor: a beleza, a inteligência.

*Le père n'aime que moi* (Imbeault, 2004) é o fantasma que fundamenta a fantasia “eu sou espancado por meu pai”, na medida em que atualiza a passividade diante da personalidade perigosa e superpotente à qual somos forçados a nos submeter.

Será em torno da manutenção desta predestinação que o erotômano lutará desesperadamente.

Em uma das belas sínteses oferecidas por Jean-Claude Rolland (2016) ao longo de seu livro *Os olhos da alma*, ele diz: “analisar-se é submeter à prova do luto os caros objetos da infância transgressivamente conservados” (p. 126).

## 3.

Ao se considerarem únicos, os amantes têm necessidade de viver próximos das origens e amam evocar as marcas de seus encontros até esgotar as palavras, de tal forma suas experiências lhes parecem fora de qualquer série. Pretendem-se sempre originais, daí é que a linguagem não pode conter, compreender, o extraordinário excesso manifesto na união, a extraordinária potência de sua história.

Ao excederem ao ordinário, nenhum trecho de suas histórias é banal. Somente a linguagem das lendas, da vida mítica, que por sua função – analógica, metafórica – é admitida dentro de seu círculo, de sua intimidade. Apreende-se a experiência dos amantes por aproximação, no máximo por analogia. Pois, de tal modo única, nenhum outro ser humano pode compreender o que se passou com eles, com os amantes. Cada elemento da cena de origem estava ali para dar lugar ao encontro amoroso, para lhe dar condições de acontecer. Ter nascido naquele ano, naquele lugar, ter saído aquela noite, virado a cabeça naquele momento e... *tê-la visto*. Os sinais estão aí. Claros, inequívocos, tudo são certezas. A vida se paralisa, plena de certezas, vazia de movimento. Todo o movimento a serviço de criar as condições para o amor advir. O mundo paralisado em torno do sujeito, da fantasia banal: “mãe, hoje é meu aniversário, logo não irei à aula”.

Assim, a erotomania, atravessa o caminho de amor. Mas somente atravessa porque, logo em seguida, no momento em que tudo dá certo e são esgotadas as certezas, algo que não chegará jamais, passará a ser exigido; um sinal de confirmação do objeto, pelo qual o amor se colocará em desequilíbrio. O amor se sustenta somente quando há condições para suportar tal desequilíbrio. Quando não há, encontramos o que resiste na erotomania: o amor não pode ser colocado em desequilíbrio.

*Um amor de certezas* (Azambuja, 2004), um amor onde o objeto está sempre aí e nos ama. Um amor que não depende de mim, do que eu faça dele. A certeza do amor do objeto que afasta o perigo da melancolia, onde essa certeza se enraíza. Pois se há uma tal certeza, ela tem por fundamento a melancolia, uma “perda ou de um déficit de

objeto apocalíptico” (Assoun, 2004, p. 23) da qual o sujeito procura se afastar se protegendo no amor das certezas.

Ao contrário dos amantes, onde o amor nos coloca diante do conflito da possibilidade da perda, com os erotômanos o objeto deve ficar imobilizado em seu lugar e no tempo, absoluto. O amor das certezas vive do e no absoluto.

Assim, se por um lado a erotomania busca evitar a dor do mundo, ela o faz na condição de retirar o sujeito do mundo. Dá-se aqui a seguinte diferenciação: enquanto o amante vive da crença de seu amor pelo objeto, o erotômano exige a convicção do amor do objeto.

Na erotomania, o sonho substitui a vida. Ele não pode mais sonhar e por isso falamos de delírio quando nos aproximarmos de seu discurso. Estamos diante de um problema singular na constituição do eu: onde há sonho não pode existir vida, isto é, possibilidade de confrontação com a realidade e, logo, desequilíbrio. No sujeito apaixonado há vida e sonho simultaneamente, e tudo o quanto experimentamos alucinatoriamente é resultado da exploração dos sonhos amorosos no contexto da vida, cujas consequências constituem parte significativa do eu. No erotômano a alucinação não é vivida como *uma* experiência, posto que ele não encontra limites que a definam como *uma* experiência. “O pai me ama somente a mim” tem por corolário não *uma* experiência, mas *a* experiência, posto que nela a realidade deve estar recusada. *Uma* experiência significa uma dentre outras tantas experiências, por isso capazes de promover e entrar na cadeia associativa.

Paul Laurent Assoun (2004) assim se refere aos erotômanos:

O erotômano é um noivo inveterado, que convive unicamente com o Banquete de amor (de um amor pertinente a mais alta esfera da ciência e do gozo) e onde o outro real está ausente, ou antes disso, está convidado apesar dele – sem saber mesmo que participa (antes de ser informado com um “zelo imbecil” deste amante engraçado, deste amor engraçado). (p. 23)

Para concluir, gostaria de retomar a questão formulada por Freud em Introdução ao narcisismo (Freud, 1914/2010b) quando questiona “de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as barreiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?” (p. 29). E acrescenta que, quando o volume de investimento no Eu superou certa medida “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (p. 29).

## Resumo

A intenção que move esta reflexão é a de cotejar a travessia pelo deslumbramento do *amabam amare* como uma idealidade a ser ultrapassada e a fixação do ideal na erotomania. Isto é, a intenção de debater acerca de quando essa idealidade não é travessia, mas algo que por se manter atravessado impede a experiência do amor.

**Candidatas a palavras-chave:** *Amar o amor, Experiência de amar.*

## Abstract

The intention that drives this reflection is to compare the journey through the dazzling of *amabam amare* as an ideal to be crossed, in relation to the fixation to the ideal that takes place in erotomania. That is to say, the intention is to debate when this ideality is no longer something to go through, but that, by staying crossed, prevents the experience of love.

**Candidates to keywords:** *To love love, Experience of loving.*

## Referências

- Assoun, P.-L. (2004). Glossaire: Sur l'érotomane et l'érotomanie. *Revue Penser/Rêver le fait de l'analyse*, 5, 23.
- Azambuja, M. de (2004). L'amour de certitudes. *Revue Penser/Rêver le fait de l'analyse*, 5, 149-161.
- Freud, S. (2010a). Batem numa criança: Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913 [1912]).
- Homero (trad. 1980). *Odisseia*. Lisboa: Sá da Costa. (Obra do século 8 a. C.).
- Imbeault, J. (2004). Le père n'aime que moi. *Revue Penser/Rêver le fait de l'analyse*, 5, 177.
- Rolland, J.-C. (2016). Memória subjetiva. Em P. S. de Souza Jr. (trad.), *Os olhos da alma*. São Paulo: Blucher.